

Lição 2 – Fascismo, religião e alergia à diferença

Sinésio Ferraz Bueno

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BUENO, S. F. Fascismo, religião e alergia à diferença. In: *O fascismo em dez lições* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 25-33. ISBN: 978-65-5714-304-9.

<https://doi.org/10.7476/9786557143049.0004>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

LIÇÃO 2

FASCISMO, RELIGIÃO E ALERGIA À DIFERENÇA

Sob o ponto de vista filosófico, o discurso e o sentimento religiosos podem ser pensados a partir de duas origens básicas. Em primeiro lugar, a religião pode ser caracterizada como revelação divina capaz de expressar a existência de poderes sobrenaturais de origem misteriosa, em relação aos quais os homens são impotentes. Nessa concepção, a relação entre o homem e Deus é mediada pela confiança incondicional na palavra divina, mediante testemunhos ou revelações. Em segundo lugar, a religião pode ser pensada em sua origem histórica e material, sendo compreendida como fenômeno humano expressado institucionalmente no interior das diversas correntes religiosas, ou Igrejas. Nesse segundo significado, a religião é desvalorizada em suas qualidades intrínsecas de relação com Deus e pensada como instrumento de disseminação de valores morais e de controle social, político e ideológico de populações.

O sistema filosófico de Hegel possibilita a integração entre esses dois significados, apontando para uma compreensão do fenômeno religioso como relação da consciência humana com o Absoluto, e também como

manifestação histórica, institucional e material dessa relação entre o homem e Deus. Nesse sentido, somente Deus é absoluto, pois se realiza a si mesmo de modo necessário e infalível, põe a si mesmo e não sofre qualquer tipo de condicionamento externo, vale dizer, é eterno e infinito. Como as realizações humanas não podem existir dissociadas de sua realização concreta sob a forma de instituições, a religião deve ser entendida simultaneamente como processo formativo pelo qual o homem se torna veículo de realização do finalismo divino, e também como instituição humana e inseparável do tempo histórico. Para Hegel, a religião é uma das manifestações do Espírito Absoluto, pela qual o espírito humano experimenta de maneira trágica e dolorosa a finitude de sua existência natural e mortal e o caráter incondicional de sua reconciliação com a infinitude do Absoluto. Deus é absoluto porque põe as condições de sua própria existência, e o espírito humano é o veículo da autoconsciência de Deus. A religião é a manifestação fenomênica de um finalismo que é racional em si mesmo:

Então, o que significa para o *Geist* chegar à consciência de si racional em liberdade? Se a estrutura do universo é como é, visando ser a corporificação/expressão do *Geist*, então o *Geist* chega à consciência de si quando ela é reconhecida. É claro que ela só pode ser reconhecida por nós mesmos, pelos espíritos finitos, porque somos os únicos veículos da consciência. Porém, ao reconhecer que essa é a estrutura das coisas, nós, ao mesmo tempo, deslocamos o centro de gravidade da nossa própria identidade. Vemos que a coisa fundamental a nosso respeito, é que somos veículo do *Geist*. (Taylor, 2014, p.117)

Na concepção do filósofo, a história da humanidade consiste em uma sequência de formas culturais e modos

de consciência cujo percurso é orientado finalisticamente, desde os estágios grosseiros e incultos das civilizações antigas até o desenvolvimento de uma consciência universalista em que a humanidade adquire a consciência de se constituir como veículo privilegiado da consciência de si do Espírito Absoluto. O cristianismo representa a plena realização do Absoluto como sujeito histórico, pois concebe a existência de Deus como realização de uma subjetividade livre e racional. Para Hegel, a encarnação de Deus, por meio de Jesus Cristo, acarreta uma reconciliação entre finitude e infinitude que representa uma etapa superior na história das religiões. Por meio do Cristo, o espírito infinito se rebaixa, e o espírito finito se eleva, possibilitando ao Espírito Absoluto o atingimento da consciência de si por meio do homem:

O espírito infinito não deve ser pensado para além do espírito finito, do homem ativo e pecador, mas ele próprio é ávido de participar do drama humano. Sua infinidade verdadeira, sua infinitude concreta não é sem essa queda. Deus não pode ignorar a finitude e o sofrimento humanos. Inversamente, o espírito finito não é um aquém, ele supera a si mesmo, atraído constantemente rumo à sua transcendência, e tal superação é a cura possível de sua libertação. (Hyppolite, 1999, p.553)

É importante compreender que a reconciliação entre os espíritos humanos e Deus é uma potencialidade dialética a ser realizada na história, e é óbvio que uma mínima observação dos fatos históricos evidencia que esse encontro é muito mais um vir-a-ser do que uma realidade histórica efetiva. A realização da subjetividade livre e racional que poderá cancelar a oposição entre homem e Deus não é um fato, mas sim uma tarefa histórica para a qual a religião pode ter um papel decisivo. A religião é uma dimensão

decisiva do saber absoluto, pois seus processos formativos têm a qualidade de educar os homens para que se tornem sujeitos éticos e espirituais habilitados para se inserirem no processo de realização do Absoluto como sujeito. Porém, uma simples confrontação entre o idealismo hegeliano e a realidade histórica basta para constatar a cumplicidade das igrejas e de seus fiéis com a barbárie no mundo.

O confronto entre o papel formativo que a religião deveria ter e a realidade histórica da propagação irrefletida de preconceitos morais e de cumplicidade com o poder econômico e político exercido pelas igrejas obriga ao reconhecimento de uma contradição notável no âmbito religioso. Pois a religião se constitui, de um lado, como dimensão fundamental de realização da subjetividade livre e, de outro lado, como lugar institucional de reprodução e perpetuação de ilusões místicas, preconceitos moralistas e práticas de poder. Na medida em que as igrejas, sob diversos tipos de afiliação religiosa, transformaram a fé em veículo de propagação do cativeiro da consciência, é possível compreender a importância histórica da crítica iluminista em seu compromisso fundamental com o aprimoramento da razão e da liberdade.

Uma das críticas mais bem fundamentadas e contundentes à ilusão religiosa foi realizada por Sigmund Freud. Para ele, o sentimento religioso se constitui como uma neurose obsessiva universal que reproduz ao longo da vida adulta o desamparo infantil perante a imagem paterna. A ilusão religiosa perpetua o estado de minoridade da consciência, na medida em que se apoia na heteronomia emocional e na intimidação do intelecto racional. A crítica de Freud à religião proporciona um modelo teórico essencial para a compreensão da vulnerabilidade emocional ao fascismo. A partir de suas reflexões acerca da dissonância entre o mandamento do amor ao próximo e os imperativos egoicos e narcisistas intrínsecos ao ser humano, torna-se

possível entender como a aversão ao *unheimlich* e o narcisismo das pequenas diferenças originam a violência fascista desde o próprio interior das agremiações religiosas.

Freud examina a consistência emocional do mandamento religioso do amor ao próximo enfatizando sua incompatibilidade com as aspirações mais elementares do ego, que valorizam o amor como ligação que não pode se estabelecer entre humanos a não ser mediante vínculos significativos de identificação emocional. Sob esse ponto de vista, argumenta Freud (1974, p.131), o amor por pessoas estranhas se torna um imperativo moral condenado ao fracasso, pois “se essa pessoa for um estranho para mim e não conseguir atrair-me por um de seus próprios valores ou por qualquer significação que já possa ter adquirido para a minha vida emocional, me será muito difícil amá-la”. O próximo, entendido como qualquer outro ser humano inteiramente desconhecido e desprovido de significado emocional para a vida do sujeito, se torna alvo potencial de uma agressividade latente e gratuita: “não meramente esse estranho é, em geral, indigno de meu amor; honestamente, tenho de confessar que ele possui mais direito a minha hostilidade e, até mesmo, meu ódio” (ibidem, p.131).

Quando se consideram os obstáculos emocionais apontados por Freud para a realização do amor ao próximo, torna-se possível compreender por que esse mandamento foi convertido em imperativo moral para um grande número de religiões, dentre as quais se destaca o cristianismo. Embora Freud trate do problema sob uma ótica racionalista e alheia a conceitos metafísicos, ao relevarmos as reflexões de Hegel acerca do fenômeno religioso, as dificuldades inerentes à realização do amor ao próximo transparecem como obstáculos que se colocam para a própria consciência humana em seu trajeto de realização como veículo do Espírito Absoluto. Os obstáculos

enunciados por Freud para a universalização do amor se constituem como elementos de oposição interna que são intrínsecos ao espírito humano, mas devem ser dialeticamente superados para a realização de si mesmo como consciência racional e subjetividade livre. O antagonismo primitivo existente no espírito humano, entre os impulsos egoicos e o imperativo do amor universal, reflete uma oposição cósmica cuja superação é visada teleologicamente pelo próprio Espírito Absoluto: “esse drama não é uma história paralela ao drama da oposição e da reconciliação no ser humano. É o mesmo drama, de uma perspectiva diferente e mais ampla. Pois o ser humano é o veículo da vida espiritual do *Geist*” (Taylor, 2014, p.130).

Sob a perspectiva filosófica e mais ampla do sistema filosófico de Hegel, se evidencia que os incontáveis episódios de barbárie testemunhados ao longo da história em nome de pretextos de purificação religiosa representam etapas necessárias e intrínsecas ao próprio movimento de autorrealização do espírito. A matéria bruta das pulsões de morte estudadas por Freud atua como veículo de resistência à evolução do espírito, impossibilitando a universalização do amor mediante a cristalização de visões estereotipadas e negativas acerca da diferença no campo religioso. A projetividade emocional obsessiva associada à aversão diante do *unheimlich* dissemina sentimentos e comportamentos de natureza grupal fortemente agressivos voltados contra todos aqueles que se tornam representantes do mal na esfera religiosa. É dessa maneira que a religião deixa de ser um componente essencial para a realização do finalismo metafísico, em termos hegelianos, assumindo justamente seu papel diametralmente oposto de realização da violência fascista. A convergência entre a violência grupal, canalizada sobre populações imaginariamente representadas como diferença negativa, e a hostilidade religiosa, foi muito bem compreendida por Freud

como exemplo da barbárie no campo religioso. A esse respeito, sua análise da intolerância religiosa veiculada pela aversão ao *unheimlich* e pelo narcisismo das pequenas diferenças se constitui como modelo teórico para a compreensão do vínculo entre religião e fascismo:

É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade. [...] Quando outrora o apóstolo Paulo postulou o amor universal entre os homens como o fundamento de sua comunidade cristã, uma extrema intolerância por parte da cristandade para com os que permaneceram fora dela tornou-se uma consequência inevitável. (Freud, 1974, p.136-137)

Por outro lado, na concepção hegeliana, se as diversas etapas pelas quais o Espírito Absoluto se realiza na história podem ser consideradas uma sequência de erros, é importante considerar que em si mesmos tais erros compõem uma negatividade que integra o processo pelo qual se realiza a verdade. A dialética espiritual aponta para um estado de superação dessa negatividade que somente pode se traduzir no mútuo reconhecimento das consciências de si. É importante observar também que o pensamento de Hegel já apresenta elementos muito preciosos para a pós-modernidade, na medida em que o reconhecimento entre as consciências pressupõe a condição de aceitação da diferença como elemento fundamental de uma subjetividade livre. Nessa perspectiva, a autoconsciência do espírito pode ser pensada nos horizontes de uma humanidade emancipada em que cada espírito singular possa reconhecer no Outro a dignidade de sua singularidade e diferença, sob os mais diversos registros: etnia, religião, gênero, nacionalidade etc.

Certamente, o reconhecimento e a aceitação do estranho como reflexo de si mesmo, vale dizer, a consciência do caráter projetivo da estigmatização que é própria aos diversos tipos de preconceito, representariam uma condição de reconciliação espiritual essencial para a autoconsciência do espírito nos termos hegelianos. Mas o que a análise de Freud acerca da ilusão religiosa apresenta é exatamente o avesso desse estado, pois a comunidade de crentes, sob os mais diversos tipos de fé religiosa, constitui-se como um agrupamento de pessoas dedicadas ao ódio e frequentemente a práticas violentas contra aqueles que são imaginariamente representados como encarnação do mal. Seria, então, necessário compreender que a mais autêntica manifestação do mal está na degradação e na coisificação do outro, realizada em nome de fanatismos religiosos. É no interior das comunidades religiosas que incontáveis episódios de barbárie foram realizados, e nesse sentido é possível afirmar que é justamente por meio da aversão patológica à diferença, amplamente disseminada pela religião, que o fascismo se realiza como mal radical.

No caso específico do Brasil, a transformação de algumas seitas pentecostais em núcleos do poder econômico e político evidencia a afinidade profunda entre fascismo e religião. Um exame atento da atuação dos pastores evangélicos de grande sucesso midiático, notadamente junto a populações economicamente desfavorecidas, explicita o emprego de dispositivos retóricos comuns aos líderes fascistas. A esse respeito, é significativo que muitos líderes religiosos apelem a oposições simplistas entre os crentes seguidores e o restante da humanidade, frequentemente baseadas em critérios morais, de maneira a favorecer o engrandecimento narcísico dos seguidores e a fúria contra os representantes imaginários do mal. De maneira idêntica aos demagogos fascistas, muitos pastores evangélicos se comportam de maneira calculadamente dissimulada e

cínica, ajustando-se a demandas de identificação emocional que são as mesmas que sustentam os agrupamentos fascistas. Não é por acaso que no auge da pandemia por Covid-19 no Brasil, enquanto morriam por volta de cem mil pessoas no período de um mês e muitas autoridades médicas, políticas e jurídicas defendiam medidas de afastamento e isolamento social, diversos representantes evangélicos pregavam abertamente a realização de cultos presenciais em suas igrejas. Raras vezes na história a afinidade entre religião e fascismo se mostrou de maneira tão aberta e letal.